

RUY OU PORQUE BRINCAM OS PEIXINHOS NA PÁTRIA DA POESIA

Paulo Nunes

Professor dos Cursos de
Letras e Comunicação Social
da UNAMA. É autor de livros
infanto-juvenis e didáticos.

Desejo desculpar-me com você, amigo leitor, porque nossa tarefa não é simples, dado que falar de Ruy Barata é mexer com um homem que construiu, involuntariamente, em torno de si, uma aura de mito. Ruy foi (ou é?) símbolo de fortaleza tanto para os amigos, que nele se embriavam de coragem, quanto para os inimigos, que liam nele o constante perigo. Ruy não concebia meio termo: amá-lo ou odiá-lo, eis a questão! Ele era um homem marcado pelas utopias sociais: primeiro Jesus Cristo, reaprendido entre cantos gregorianos e sabinas do Colégio Nazaré; depois Marx, senhor de barbas vastas, que sistematizou um choque que o mundo já desconfiava existir: a exploração do homem pelo homem. Como se não bastasse isso tudo, Ruy, em 1943, perfila-se entre os *escolhidos* que destilam o verbo ao publicar *Anjo dos Abismos*. Recorrendo a este fato, vale questionar: o que há na palavra de tão poderoso, que atrai a imensa carga de energia do Cosmo? O que há na palavra que mesmo já vestida, quando cai às mãos do poeta, desnuda-se e faz-se arrepiado e sedução? O poeta é um sonhador-sub/vertor de dicionários? Que anjo consegue abismar-se diante do uso que o poeta faz das palavras? Não se sabe. Felizmente quanto mais se procura a resposta, menos certeza se tem. Mas uma coisa é certa, há em torno do poeta "um não sei quê de saudade doendo..." Se não houvesse, Platão jamais teria deportado os poetas da República. O gesto do filósofo grego foi seguido, séculos mais tarde, à risca, e acabou atingindo nosso Ruy meio-homem/meio-mito. A ditadura militar de 64 caçou/cassou - com cedilha e dois esses - o homem público Ruy Guilherme. E ele se viu ante ao interdito, perseguido e violentado por não poder fazer aquilo que ele mais gostava: amar. Ele desfia-mera coincidência? - no poema *Nativo*: "Amor é amar, em dois, predicativo/ amor é sisofrendo e sisofrido..." O poeta, perseguido, precisou esconder-se tantas vezes, perdeu o direito de explorar seu cartório, bem como o de lecionar Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará. Tudo (quase) perdido. Restou-lhe o amor da

família e dos amigos. Restou ainda, tempos nebulosos, o aconchego da palavra, palavra-ponte-de-partida-para-o-sonho, sonho de ver um Brasil mais fraterno: "Surja este verso de maio trazido pelos arcanos/ Um verso que faça maio, o maio dos desenganos/ E fel transforme em doçura, rendilhando de ternura, os meus fracassos humanos..." Por estas e outras, os inimigos imaginavam que, agindo de forma brutal, estariam destruindo o mito. Ledo engano, pois o mito se cristaliza na medida em que são infringidos os limites humanos. Ruy, a cada dia, a cada momento, transformava-se num porto/ponto de referência para quantos desejassem andar na contra-mão da História Oficial, naqueles tempo de ditadura militar. (Ufa, nunca antes havia feito um parágrafo tão imenso!)

E mais uma vez peço desculpas, leitor, por entranhar-me nos perigosos caminhos do sentimentalismo para dizer que meu convívio com Ruy foi curto, mas intenso e marcante. Quando aluno da Universidade Federal, no início da década de oitenta, deparei-me com aquele velho-homem-magro, menestrel vestido de branco, que bailava, cigarro entre os dedos, entre os pavilhões G, H, I e J do Básico, lecionando Literatura Brasileira. Pois foi numa tarde de terça-feira, verão abafado e quente, que conheci Ruy Barata. A turma, predominantemente feminina, dividia-se em dois grupos: os que desejavam embeber-se dos olhares do poeta-professor (nunca nos foi possível, de fato, repartir, separar aquele ser uno que vivia na *santíssima dualidade*) e aqueles que se viram obrigados a cursar a disciplina naquela turma, pois "não havia vaga nas demais". A partir de então, todos estávamos lá, presos àquela teia que nos atrelava ao velho (ovelho do Senhor?) que nos escandalizava com suas máximas antiburguesas ou que nos encantava com suas frases e "tiradas" de profunda sensibilidade. Antes das aulas um ritual se cumpria, os admiradores cercavam o professor e ele não decepcionava, saía com algumas afirmações que fizeram tatuagem em nós. Certa vez, dizia ele:

- *A Universidade é isso aqui, este elefante que vira as costas para o povo do Guamã. Precisamos mudar, desamarrar as mãos dos acadêmicos, mas isso fica para vocês, pois já me vejo muito velho...*

Conversa avançando, alguém reclamou:

- *Mas, Ruy, tem gente que passa por aqui como se não passasse. Frequenta as aulas mas não participa, como se não gostasse do curso...*

Ele devolveu:

- *Mas o que tu queres, irmãozinho? Vê só, olha aquelas nossas amigas ali, elas vêm aqui para melhorar o salarinho. É tirar o canudo e ganhar mais, aumentar o salário. Olha o rosto delas... vêm direto do trabalho, nem almoçar almoçam... É a geração da pupunha com café, da pupunha com café!...*

A sensibilidade, o "faro" de Ruy sempre nos tocou, dentro ou fora de sala. Quem esqueceu as leituras dos Poemas da Amiga, do Mário de Andrade? Ou os comentários sobre A Rosa do Povo? Ou ainda a jogralização de Essa Nega Fulô, do Jorge de Lima? Ruy foi assim, recheava de tesão as aulas de Literatura modernista. Certa vez ele saiu com uma idéia. Drummond faria oitenta anos, precisávamos comemorar. Como? Uma procissão. Uma procissão cultural que corresse o campus. Nos fantasiaríamos e diríamos os textos do poeta maior. No trinta e um de outubro, fizemos a festa. O cortejo saiu da

"Brexá", espaço cultural entre os pavilhões I e J/ Básico e alcançou as salas do Centro do Cursos de Biblioteconomia, de Letras e o gabinete do então reitor Seixas Lourenço. Foi um burburinho total. A poesia teria alcançado ali seu climax, seu ponto máximo?

Perdão se lhe faço, leitor, presenciar este relato sentido, pois a obra de Ruy é extensa e sobre ela muito se tem a explorar (e eu aqui a desfilar saudades!). Há o Ruy regional, o Ruy universal, o Ruy musical, o Ruy vermelho ou lilás-azul, o Ruy de todas as cores, que escondia sob sua frágil/forte envergadura o mapa do labirinto que nos fez sonhar com a terceira margem do rio. E é com ele, nesta hora, que liberto o sotaque do verbo:

*"Geograficamente, o azul é minha pátria,
politicamente, o amor é meu governo,
e o sobrenatural a grande vocação.
E este jeito de amar que é quase escudo
(a timidez de amar embora ame)
e este risco feroz que é meu demônio.*

*Porém forte sou ainda que seja fraco
(não passei junto a ti sem lágrima na face?)
(não tomei tua mão sem comoção alguma?)
mas nunca sou tão forte como agora
quando digo ao poema vai-te embora."*

(In "Vinte Sete Anos quase Vinte e Oito")